

A ambiguidade do ser humano em Machado de Assis

TEXTO LETICIA PASUCH
ARTE ISABELLE BAIOTTO

“Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória, delirante. Adeus, escrúpulos!”

— Trecho do conto A Cartomante, de *Várias Histórias*



Machado de Assis deixa nas mãos do leitor o tipo de narrativa que quer encontrar logo no prefácio dos seus contos; mais ainda: quais efeitos terão. Entre 1884 e 1886, 16 deles foram publicados no jornal *Gazeta de Notícias* — compilados em livro pela Editora Garnier, no Rio de Janeiro, em 1896. *Várias Histórias* é o quinto volume de contos do autor. A obra toma o lugar de *Papéis Avulsos* na lista de leituras obrigatórias do vestibular.

Em plena fase realista, trabalhando com os mesmos ingredientes de escritas anteriores, essas várias histórias retratam o desenvolvimento de uma sociedade do Segundo Império, fixando as nuances do cidadão brasileiro na virada de século em um Rio de Janeiro de modelo europeu, mas diverso, no contexto urbano de uma metrópole em formação. “O impacto da cidade sobre o indivíduo é uma das sutilezas do conto machadiano”, afirma Patrícia Lessa Flores da Cunha, professora no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

Os contos, de acordo com Regina Zilberman, também docente no programa, podem ser classificados em alegóricos — como *Um Apólogo* e *Viver!* — e tradicionais — que apresentam início, meio e fim, como *Mariana* e *A Cartomante*. Este último, que abre a coletânea, é um dos clássicos machadianos e tem como personagem Rita, que é casada com Vilela e vive um adultério com Camilo, amigo do casal. Ela vai à cartomante para saber de seu futuro amoroso. No fim, há a descoberta da traição e a consequente morte dos amantes.

“A meu ver, é uma pequena obra-prima, síntese dos principais temas e recursos de linguagem próprios da contística machadiana. Temos a situação e os caracteres em confronto, uma estória de amor e traição que se revela na ambiguidade trágica de uma amizade corrompida”, comenta Patrícia. Para ela, há duas narrativas contadas como uma só. O que não é dito fica subentendido, e a resolução do texto é transferida à capacidade interpretativa do leitor. O conto é realista pelo adultério e traição, mas, para Regina, foge um pouco da tradição machadiana devido aos poderes mágicos que a cartomante teria ou não, e em que Machado, ateu e homem descrente, não acreditaria.

Retrato social — Apesar das diferentes temáticas, os contos carregam uma visão desencantada de Machado quanto às perspectivas sociais — evidentes em *Viver!* e *D. Paula*, por exemplo — e, ao mesmo tempo, se atentam à personalidade e à identidade particular de cada personagem. *Viver!* foi publicado originalmente na imprensa em 1886, em plena campanha abolicionista e republicana, mas mostra a evolução da sociedade brasileira que, por alguma razão, continua igual ou pior. Em *Contos de Escola*, o protagonista tem a sua primeira lição de corrupção, simbolizando a propina dentro da sociedade brasileira, comenta Regina.

Algumas características machadianas não passam despercebidas na obra, como a ironia. O narrador, de acordo com Regina, “apresenta aquelas personagens com certa distância e sempre olha meio arrevesado, pois sabe que aquelas pessoas não são verdadeiras”. O conteúdo moral dos contos — mais presente nos contos alegóricos — permite tirar alguma lição dali, e a desconstrução de mitos também, como em *Adão e Eva*. Em *Uns Braços*, destaca-se o teor erótico, através de *D. Severina*, que deixa os membros superiores de fora — algo que chamava a atenção dos homens no século 19.

Outra marca desta e das demais obras é o adultério, já perpassado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e também em seus contos. As personagens femininas da época, dependendo do matrimônio para sobrevivência, tinham um espaço estreito de ação na família e na casa. Dessa forma, tentam manipular os homens, jogando com sua vaidade. “É uma marca bem machadiana, é isso que faz ele moderno”, diz Regina.

Para Patrícia, os contos machadianos remetem à questão da ambiguidade identificada no homem moderno, “seu contemporâneo, e que se revela através dos temas da traição, da insatisfação pessoal, da venalidade, da loucura, dos relacionamentos corrompidos, da passagem inexorável do tempo, da violência moral, de sonho e realidade, farsa e tragédia, realçados através do uso primoroso da ironia, figura de linguagem dúbia por excelência”.

A diversidade temática de Sophia de Mello B. Andresen

MARIA CLARA CENTENO TEXTO
LILIAN MAUS ARTE

“Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim,
A tua beleza aumenta quando estamos sós
E tão fundo intimamente a tua voz
Segue o mais secreto bailar do meu sonho,
Que momentos há em que eu suponho
Seres um milagre criado só para mim”

— Trecho do poema Mar Sonoro, de *Coral e outros poemas*



Coral e outros poemas é uma antologia de poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, com seleção e apresentação de Eucanaã Ferraz. Publicada em 2018, a obra passa a integrar a lista de leituras obrigatórias do vestibular.

Sophia nasceu em Porto, Portugal, em 1919, e faleceu na capital, Lisboa, no ano de 2004. Ela é um dos grandes nomes da literatura portuguesa, especialmente na poesia, diz Carlos Roberto Menezes, doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na área de Literatura Portuguesa. Vencedora de diversos prêmios, entre eles o Prêmio Camões em 1999, além de textos poéticos, a autora publicou contos, peças teatrais, ensaios e traduções.

Coral e outros poemas conta com textos de diversas publicações de Sophia, separados de acordo com a obra em que saíram originalmente. Além disso, há uma seção com os poemas dispersos, ou seja, aqueles publicados em espaços como jornais e revistas, e outra com inéditos encontrados após a morte da autora. Apenas uma obra se encontra integralmente na antologia: O Cristo Cigano. Carlos explica que essa publicação é constituída de poesias separadas, mas que, juntas, formam um longo poema narrativo. Ele afirma que é importante que esse livro apareça por inteiro na seleção para manter o sentido original.

A poesia de Sophia possui versos livres e estrofes com diferentes tamanhos, diz Karoline da Rosa Pereira, mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Ela também destaca a musicalidade dos poemas, marcados por ressonâncias e ritmo. Além disso, Karoline explica que Sophia era uma “leitora voraz” e, por causa disso, na sua obra aparecem características literárias de períodos anteriores, além de haver um diálogo com outros escritores, principalmente Luís de Camões e Fernando Pessoa.

Sobre a estrutura textual, Carlos afirma que, ao folhear um livro de poemas de Sophia, a primeira reação é de espanto, pois os textos são normalmente curtos e, muitas vezes, dispostos em uma única estrofe. “Espanto no sentido de ser uma escrita sucinta e com sintaxe muito clara, por isso não temos dificuldade de ler a poesia dela, mas mesmo assim ela [a poesia de Sophia] é capaz de dizer tanta coisa”, afirma.

Temas centrais – Carlos destaca que Sophia aborda temas interessantes e diversos. Karoline observa que em *Coral e outros poemas* estão presentes os principais eixos temáticos da lírica da autora e, com isso, o leitor é capaz de compreender melhor sua obra. O doutorando na UFRJ explica que, por mais que cada livro dela tenha um tema central, os outros assuntos frequentes acabam voltando ao longo das obras.

Os elementos marítimos, presentes no título da obra (*coral*), são centrais nos escritos da autora. “O mar é um paradigma incontornável para a cultura portuguesa, não tem outro tema mais pungente, tanto para o bem quanto para o mal. É um estigma português muito forte e a presença dele na poesia da Sophia é inegável, está em tudo quanto é lugar”, complementa Carlos Roberto Menezes.

A política também é fundamental para Sophia. A autora teve uma atuação combativa frente ao Salazarismo, regime político fascista português liderado por Antônio Salazar e que durou de 1933 a 1974. Na Assembleia Constituinte eleita em 1975, após a Revolução dos Cravos, que derrubou o governo ditatorial, Sophia foi deputada pelo Partido Socialista português. Textos como O velho abutre, presente em *Coral e outros poemas*, retratam esse combate e crítica ao totalitarismo.

Além disso, são fundamentais ainda nas suas obras temas como a natureza, a cidade, a Grécia Antiga, a memória, a imagem de casa, a busca pela justiça, a religiosidade e as experiências humanas. O Brasil também é retratado pela autora em poemas como Brasília e Poema de Helena Lanari – ambos constam da antologia organizada por Eucanaã Ferraz.

Artes poéticas – *Coral e outros poemas* traz cinco textos nos quais Sophia trata do seu fazer poético, as Artes Poéticas. Carlos explica que esses escritos apresentam “a poesia se pensando, a poesia pela poesia”. Ele recomenda começar a ler a obra por eles, pois apontam exatamente o processo de construção de entendimento dos poemas da autora.

O doutorando explica que a antologia que passa a integrar as leituras obrigatórias é uma entrada para a obra de Sophia e, mesmo que se perca algo na seleção e no corte da publicação da autora, é possível começar a conhecer a poetisa portuguesa por esse livro.

A falência da sociedade desigual em Júlia Lopes de Almeida

TEXTO **GABRIELA SARDI**
ARTE **MARINA PRUDÊNCIO**

Rio de Janeiro, capital da recente República brasileira, dezembro de 1891: na rua de São Bento, um torvelinho de gente, carroças e sacas de café fervilha sob sol escaldante. Em frente à escrivaninha de seu escritório, o português Francisco Teodoro repousa altivo, remexendo as chaves e os réis no bolso da calça. O suor reluzia seu “belo ar de burguês satisfeito”, que, tendo chegado ao Brasil “mal vestido e mal alimentado”, via agora o dinheiro correr ininterruptamente para a entrada de seus cofres.

Contrastando com o frenesi das ruas do cais do porto, o ambiente no palacete de Francisco Teodoro, na praia de Botafogo, é pacato e luxuoso. Lá se resguarda Camila, jovem desposada pelo português, vinda de família pobre mas “talhada para rainha”. Ela alheia aos negócios, ele alheio ao lar e à família, a vida transcorre até que um incidente acaba por levar Francisco Teodoro à falência, solapando sua vaidade e seus ideais.

O romance de Júlia Lopes de Almeida é uma das quatro novas obras da lista de leituras obrigatórias do vestibular. Publicado originalmente em 1901, *A falência* retrata a formação de uma elite urbana marcada pelo enriquecimento vindo da exportação de café, ao mesmo tempo que expõe as falhas e hipocrisias de uma jovem República que, apesar de fundada sobre ideais positivistas de liberdade e igualdade, parece nascer falida em desigualdades sociais já seculares.

A ficção forte de Júlia – Para Rita Terezinha Schmidt, docente no Programa de Pós-graduação em Letras que estuda há mais de 30 anos a literatura de autoria de mulheres, Júlia Lopes de Almeida foi uma das mais prolíficas escritoras brasileiras. Junto a inúmeras outras mulheres que empunharam a pena, especialmente no século XIX, ela, todavia, foi desconsiderada na historiografia literária nacional. “Quando muito, uma ou outra é mencionada em nota de rodapé. O cânone literário brasileiro não inclui as obras das mulheres. Dentro de um sistema patriarcal, a mulher ‘não diz nada que presta’”, observa Rita.

Contemporânea de Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, Júlia, ao longo de 45 anos, publicou romances, contos, crônicas, peças de teatro, ensaios e livros didáticos para crianças – já 30 anos antes de outro de seus contemporâneos, Monteiro Lobato, voltar-se à

literatura infantil. Em sua obra, ela evidencia uma visão política alinhada ao abolicionismo, feminismo e pacifismo, contribuição que, para Rita, “não se encontra em romances de autoria dos homens da época”.

Mas nem por isso o trabalho de Júlia era benquisto. “Eles tomavam os textos dela como ‘sorriso da sociedade’: uma ficção fraca. Quando, na verdade, ela estava colocando o dedo na ferida e levantando muitas questões. A obra dela traz muito à luz a preocupação social e econômica, em um período de transição da sociedade brasileira, de uma sociedade escravocrata para uma sociedade capitalista, que, com seu sistema de exploração do trabalho, resultou em transformações de valores e costumes”, diz Rita.

Pela qualidade de sua produção literária e por ter integrado o grupo que constituiu a Academia Brasileira de Letras (ABL), Júlia teve o nome incluído na primeira lista de imortais da instituição. Mas ela não chegou a tomar posse: na sessão solene de fundação da Academia, em julho de 1897, sua cadeira foi para o português Filinto de Almeida, seu marido. A liberação à participação de mulheres na ABL viria 80 anos depois, com a eleição de Rachel de Queiroz, em 1977.

Do individual ao coletivo – Em *A falência*, Júlia retruca seus pares do campo literário — quase todos homens — ao não castigar, na narrativa, a adúltera Camila. Por meio da personagem, ela denuncia uma moral de dois pesos e duas medidas que faz sofrer mulheres enquanto isenta homens pelos mesmos atos. Ao longo do romance, Júlia tensiona a misoginia e, de maneira ácida, faz um retrato de sua própria realidade. “Só se fala por aí em emancipação e outras patranhas... a mulher nasceu para ser mãe de família. O lar é o seu altar; deslocada dele não vale nada!”, diz Francisco Teodoro em dado momento da narrativa.

Rita observa que, no contexto da produção literária de Júlia, o estético e o político não podem ser dissociados: “É justamente essa junção a condição sine qua non para a gente analisar e compreender o sentido e a função da literatura escrita por ela”. E conclui: “É uma literatura que inscreve a potencialidade de todo fazer literário, que é a de interpelar os leitores, a partir de um registro muito individual e pessoal, sobre a experiência do coletivo”.

“Em que fizera ele até então consistir a felicidade e o seu merecimento aos olhos dela? No dinheiro, só no dinheiro. Ele era bom porque sabia cavar a fortuna, encher a casa de joias, de fartura e de conforto. Ele era bom, porque, tendo partido de coisa nenhuma, chegara a tudo, visto que o dinheiro é o dominador do mundo e ele tinha dinheiro.”

— Trecho de *A falência*



A atualidade do teatro de Aristófanes

TEXTO **ÂNGELO ROCKENBACH**

ARTE **GUILHERME LEON**

“Eu respondo que não, pobre infeliz; Não manter um diálogo conosco, não deixar que criticássemos resoluções suicidas pra todo o país, já era demasiado grave! Mas chegamos ao ponto em que não havia mais nenhum homem válido na cidade. Recrutadores perguntavam pelas ruas: “Mas não ficou nenhum homem em toda Atenas?” e recebiam a resposta trágica: “Nenhum. Nem um digno do nome”. Foi aí que decidimos que era chegada a hora, que a salvação da Grécia dependia agora das mulheres. Abram os ouvidos à nossa sensatez, fechem as bocas que já usaram tanto e tão inutilmente. Chegou a nossa vez de apontar o caminho.”

— Trecho de *Lisístrata*



Escrita por Aristófanes em 411 a.C., *Lisístrata* é uma obra que adquiriu novos sentidos com o passar dos séculos. A trama conta a história de Lisístrata, uma ateniense que, cansada da ausência dos homens da cidade por motivos de guerra, percebe que cabe às mulheres o papel de intermediar o conflito pela paz. Para tanto, a saída encontrada pela protagonista é inusitada: uma greve de sexo! Seu plano era simples: até que a paz não fosse assinada, as mulheres da cidade deveriam se abster de fazer amor com os homens.

A peça, inicialmente exibida nas Leneias – festival em homenagem ao deus Dionísio –, faz referência à Guerra do Peloponeso (431 a.C.–404 a.C.), conflito alimentado pela rivalidade entre Atenas e Esparta. “*Lisístrata* se insere nesse contexto como um libelo utópico e fantasioso pelo fim dos conflitos, que só poderia ser articulado no mundo da comédia, mas que também se coloca como um dos mais poderosos (e urgentes) apelos à paz”, explica Rafael Brunhara, professor de língua grega do Instituto de Letras da UFRGS.

Ressignificações – O professor de História da UFRGS Anderson Zalewski Vargas, especialista em História Antiga, classifica a seleção de *Lisístrata* para o vestibular como promissora. “Se eles [vestibulandos] conseguirem superar a barreira do estranhamento, se apropriar e encontrar sentidos contemporâneos, a experiência será muito recompensadora”, afirma.

Quando escreveu a peça, Aristófanes tinha em mente criar uma história que soasse ridícula. Em Atenas, as mulheres não eram consideradas cidadãs, então lhe pareceu que um enredo sobre revolta feminina cumpriria a demanda pelo ridículo. Jamais passara pela sua cabeça que sua protagonista pudesse virar um ícone da luta pela emancipação feminina. “Se eu for dar aula, eu vou dizer que não se pode falar de feminismo na Grécia Antiga [...] Isso é uma coisa. Outra é a interpretação da peça que foi feita ao longo dos séculos. Contemporaneamente, ela é um ícone feminista, independentemente de eu dizer que isso é equívoco ou não.

E isso não é errado. Porque essa é a interpretação contemporânea”, sintetiza Anderson.

Em um primeiro momento, a leitura pode gerar estranheza, mas a peça inclusive faz parte da história recente do Brasil. Em 1976, ainda durante o regime militar, Chico Buarque compôs a música *Mulheres de Atenas*, provando, novamente, o legado de *Lisístrata* na contemporaneidade. A música foi escrita para a peça *Lisa*, a mulher libertadora, de Augusto Boal, e jamais encenada no Brasil.

Autor e personagem – “Aristófanes é um dos poetas gregos mais habilidosos que nos chegou: sua linguagem transita do vulgar para o lírico e do cotidiano para o fantástico com extrema naturalidade e invenção”, define Rafael. Aristófanes também se notabilizou pelas sátiras sociais: era comum que o autor tecesse críticas a personalidades e acontecimentos da época, sem hesitar em utilizar uma linguagem obscena e repleta de referências a sexo, outra marca de seu trabalho. Além de *Lisístrata*, o autor foi o criador de outras peças icônicas da comédia grega, como *As nuvens*, *As vespas*, *Assembleia de mulheres*, *Os pássaros* e *As rãs*. *Lisístrata* – cujo nome significa “aquela que dissolve tropas” – é entendida por Anderson como “estranha”. Isso porque ela representa uma mulher instruída, combativa e capaz de posicionar-se, algo raro em Atenas, já que a educação para as mulheres só era possível mediante autorização do marido e estava restrita às famílias capazes de arcar com os custos. Assim, tradicionalmente, o papel feminino se restringia à gestão dos lares. O professor ainda destaca que, apesar de agir revolucionariamente, *Lisístrata* não pode ser considerada uma revolucionária, pois ela luta pelo restabelecimento da ordem, e não pela construção de uma nova.

Rafael, por sua vez, enxerga relação entre a personagem e uma figura conhecida da mitologia grega: “Ela é rígida em seus propósitos e assume muitas da qualidade que a Antiguidade atribuía ao sexo masculino [...]. São esses atributos que a levarão à vitória e, talvez não por acaso, a aproximam muito da deusa padroeira da cidade, Atena”.

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 – Bairro Farroupilha,
Porto Alegre – RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

ufrgs.br/jornal



Reitor
Carlos André Bulhões Mendes
Vice-reitora
Patrícia Helena Lucas Pranke
Chefe de Gabinete
Maurício Viégas da Silva
Secretário de Comunicação Social
André Prytoluk
Vice-secretária de Comunicação Social
Cláudia Petersen Heinzemann

As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Alan Alves-Brito, Alex Niche Teixeira, André Iribure Rodrigues, Angela Terezinha de Souza Wyse, Aragon Érico Dasso Júnior, Everton Cardoso, Fernanda Souza de Baires, Fernando Seffner, Marcos Vesolozuki Kaingang, Mariana Baierle Soares, Thais Furtado e Rommulo Vieira Conceição
Editor chefe Everton Cardoso
Editores Assistentes Felipe Ewald e Mirian Barradas

Repórteres Felipe Ewald e Mirian Barradas
Diagramação Carolina Michel Konrath
Repórter fotográfico Flávio Dutra
Revisão Antônio Paim Falcetta
Bolsistas (Jornalismo) Ângelo Rockenbach, Cecília Martini, Clara Aguiar da Silva, Emily Vieira, Gabriel Giordani, Gabriela Sardi, Geovana Benites, Leticia Pasuch, Maria Clara Centeno e Victória Rodrigues
Bolsistas de Pós-graduação Elstor Hanzen e Tarcizio Macedo
Estagiários Alexandre Briozo e Luísa Teixeira Mendonça
Circulação Douglas de Lima
Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 2 mil exemplares